

A REBELIÃO NO COMPLEXO PENITENCIÁRIO ANÍSIO JOBIM NA ERA DA SOCIEDADE CIBERCULTURAL

Adriano Silva Rodrigues¹
Rafael de Figueiredo Lopes²

Resumo: A rebelião no Complexo Penitenciário Anísio Jobim (Compaj) em Manaus, no início de 2017, é considerada a segunda maior chacina carcerária da história do Brasil. Durante o massacre os presidiários produziram e divulgaram vídeos pelas redes sociais da internet. Neste artigo propomos uma reflexão com abordagem ecossistêmica, baseados nos estudos de Monteiro (2015), Capra (2014) e apontamentos contextuais, sinalizando, acerca da midiaticização, os efeitos da crise no sistema penitenciário, ocasionando a estetização da violência na sociedade cibercultural que, devido à rapidez da comunicação em rede, não filtra o que vai ser disseminado, e assim percebemos algumas relações desse fenômeno com o processo sócio histórico do país.

Palavras-chave: Comunicação; cibercultura; estéticas da violência; Compaj.

Abstract: The rebellion at the Anísio Jobim Penitentiary Complex (Compaj) in Manaus, at the beginning of 2017, is considered the second largest prison slaughter in Brazil's history. During the massacre the inmates produced and disseminated videos through the social networks of the Internet. In this article we propose a reflection with an ecosystem approach based on the studies of Monteiro (2015), Capra (2014) and contextual notes, signaling, about mediatization, the effects of the crisis in the penitentiary system, causing aestheticization of violence in cybercultural society, due to the rapidity of network communication, does not filter what is going to be disseminated, and so we perceive some relations of this phenomenon with the socio-historical process of the country.

Keywords: Communication; cyberculture; aesthetics of violence; Compaj.

1. Reflexos da crise-crônica no sistema penitenciário brasileiro

O ano de 2017 começou marcado por uma série de rebeliões em presídios brasileiros ocasionadas por disputas de poder entre facções criminosas. Só nas duas primeiras semanas de janeiro foram registradas violentas chacinas em três estados, Amazonas, Roraima e Rio Grande do Norte, além de rebeliões em outras regiões, resultando em 134 mortes oficiais nesse curto período. Em comparação ao ano anterior o número equivale a 37% dos assassinatos em penitenciárias no Brasil, pois em 2016 foram 372 mortes. Esses dados e as

¹ Estudante de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (UFAM). E-mail: adrianorodriguespa@gmail.com

² Estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM) e mestre em Ciências da Comunicação (UFAM). E-mail: rafaflopes@bol.com.br

informações contextuais que apresentaremos a seguir foram extraídos de notícias e reportagens publicadas em alguns sites de grande repercussão nacional³.

O caso de Manaus chama a atenção porque envolve uma sequência de conflitos. O maior ocorreu em 1º de janeiro, no Complexo Prisional Anísio Jobim (Compaj)⁴, quando 56 presos foram assassinados e 184 fugiram. No dia seguinte, na Unidade Prisional do Puraquequara, foram quatro vítimas. Já no dia 08 de janeiro, na Cadeia Pública Raimundo Vidal Pessoa, no centro da capital amazonense, mais quatro pessoas morreram assassinadas. Em Roraima o massacre ocorreu em 06 de janeiro, na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo, em Boa Vista, resultando em 33 vítimas. No dia 14 de janeiro, 26 pessoas foram mortas na Penitenciária de Alcaçuz, na região metropolitana de Natal. Conforme salientamos, além das rebeliões citadas outros conflitos, fugas e mortes foram registrados em diversas unidades prisionais brasileiras nas primeiras semanas do ano, e outras se sucederam, desencadeando inúmeras tensões.

Nesse cenário o Governo Federal autorizou a atuação das Forças Armadas nos presídios por 12 meses (até o início de 2018), mediante solicitação dos governos estaduais, em ações integradas com as polícias, a fim de encontrar armas, drogas e celulares. Essa é uma das medidas do Plano Nacional de Segurança, que também prevê a transferência de líderes de facções para presídios federais, a instalação imediata de núcleos de inteligência policial em todos os estados; a atuação integrada para abrir novas vagas em presídios com alas e prédios modulares; a compra de bloqueadores de celular, *scanners* e tornozeleiras; além de propor uma mudança na Constituição para criar uma nova fonte de financiamento para a segurança pública, com repasse obrigatório, como há para a saúde e a educação. Medidas que são bastante questionadas por diversos setores da sociedade que as consideram limitadas e sem efeito a longo prazo, diante da dimensão de um problema com raízes muito mais profundas.

Neste artigo, o nosso foco é o acontecimento do Compaj, em Manaus, considerado o maior massacre registrado no sistema penitenciário do país desde a chacina do Carandiru⁵.

³ Tomou-se como base sete publicações *online* para embasar a contextualização factual deste artigo (CARTA CAPITAL, 2017; ÉPOCA, 2017; FOLHA DE S.PAULO, 2017; JORNAL NACIONAL, 2017; MÍDIA NINJA, 2017; PASTORAL CARCERÁRIA, 2017; UOL, 2017). Percebe-se que a maioria das reportagens utiliza-se de dados divulgados pelo Ministério da Justiça e situações confirmadas por órgãos de Segurança Pública, sem dar tanto espaço às “vozes dissonantes” do sistema de poder instituído pelo Estado.

⁴ O Compaj está localizado a cerca de 30 quilômetros do centro de Manaus e tem acesso pela BR 174 que liga a capital amazonense ao estado de Roraima e à Venezuela. No dia da rebelião a unidade que tem capacidade para 454 presos abrigava 1224 detentos.

⁵ A rebelião na Casa de Detenção de São Paulo (Carandiru) ocorrida em 1992 resultou na morte de 111 detentos.

Conforme autoridades de Segurança Pública do Amazonas e do Ministério da Justiça, a rebelião que durou cerca de 17 horas foi causada pela disputa de poder entre integrantes de quadrilhas ligadas ao tráfico de drogas, o Primeiro Comando da Capital (PCC)⁶ e a Família do Norte (FDN), que é uma facção regional aliada ao Comando Vermelho (CV)⁷.

Segundo investigações, desde setembro de 2016 a cúpula do PCC havia declarado guerra ao CV, com ordem de matança dos integrantes da facção rival, devido ao rompimento de um acordo que até então ambas mantinham para a compra de drogas e armas em regiões de fronteira do Brasil com o Paraguai, Bolívia, Peru e Colômbia. Essa ordem teria se espalhado via whatsapp entre presídios que não conseguem barrar a circulação de informações por meio de celulares. Como resposta, os integrantes da FDN, no Compaj, teriam se organizado para neutralizar a ação do PCC, matando os integrantes desta que estavam presos na unidade. As mortes em Manaus teriam desencadeado a rebelião de Boa Vista. Na ocasião, membros do PCC, em ato de vingança, assassinaram filiados à FDN. Depois, no Rio Grande do Norte, integrantes do PPC mataram detentos ligados ao CV. Assim, as rebeliões foram provocando uma rede de violência que se espalhou por outras unidades prisionais, evidenciando um problema crônico da realidade social brasileira que é a crise do sistema penitenciário.

A banalização de números e estatísticas, tão frequentes em análises midiáticas sobre casos desta natureza, acaba cristalizando uma ideia mecanicista sobre um assunto controverso, como um mapa superficial da linha de produção da violência, o que muitas vezes nos impede de refletir em profundidade sobre essa realidade bárbara, nos afastando cada vez mais de ideias de civilidade e democracia. É como “algarismar” a miséria, o sofrimento, a violência, as inconstâncias e incertezas da dimensão humana.

A rede de interconexões e interdependências, em se tratando do sistema penitenciário, é de uma complexidade enorme. Por alto, podemos pensar desde os inúmeros fatores que podem levar uma pessoa para a criminalidade (como a miséria, conflitos psicológicos, a falta de oportunidades, a opressão, etc.), também temos o sistema jurídico com suas leis, as diferentes formas de cumprimento de penas, a situação das unidades de detenção, e as relações que acabam se estabelecendo nesses processos e em suas implicações, quase sempre corruptíveis em quaisquer instâncias. É um tecido que perpassa por questões do ser humano,

⁶ Considerada a maior organização criminosa brasileira, domina os presídios paulistas.

⁷ Com origem no Rio de Janeiro possui laços com as FARC da Colômbia.

do Estado, da sociedade, de ideologias, de poder, de manipulação, de manutenção da economia etc.

De que forma podemos fazer uma análise ou apontamentos científicos sem levar em consideração esse conjunto de fatores que ocasionaram os problemas sociais que enfrentamos no sistema penitenciário do Brasil? Por isso escolhemos a abordagem Ecológica desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pois essa perspectiva leva em consideração o conjunto dos relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o meio ambiente (MONTEIRO, 2016). Esse pensamento sinaliza para os estudos da Ecologia Profunda, de Fritjof Capra, trabalhando numa abordagem ecológica diferente da visão de mundo que não fragmenta as coisas, considerando a complexidade existente no planeta: “[...] a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.” (CAPRA, 1997, p.26). Para entender os Ecosistemas Comunicacionais precisamos aprender também sobre os conceitos sistêmicos: as propriedades das partes só podem ser compreendidas a partir da organização do todo, são problemas conectados, interligados e interdependentes. O pensamento sistêmico priva pela contextualização dos fatos, fazendo uma análise sem a separação das partes e o isolamento de cada uma para buscar compreensão; o pensamento sistêmico é “contextual”, coloca cada parte no contexto de uma totalidade maior.

No artigo ponderamos as trocas mútuas que acontecem em contínuo dinamismo num espaço social sujeito a diversas formas de comunicação, os processos de comunicação são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os diferentes sistemas, que dão vida às práticas comunicativas, como explicaremos a seguir.

Entidades de direitos humanos reforçam que a ineficiência das políticas voltadas à gestão da segurança pública, bem como a superlotação e as condições de precariedade (de infraestrutura física e humana) dos presídios criam um ambiente propício para a proliferação de ações criminosas, sobretudo, voltadas ao narcotráfico. As facções possuem estatutos próprios, com preceitos de hierarquia, disciplina e códigos de honra, moral e ética, cada qual configurando sua estrutura de poder social, econômico e governamental (paralelamente à estrutura estatal), gerando uma instabilidade constante e fazendo das unidades prisionais

territórios de conflito e brutalidade, reforçando que o sistema vigente não tem resultado em melhorias para a recuperação humanizada e a reintegração social dos detentos.

Para a Pastoral Carcerária, da Igreja Católica, a espetacularização midiática em torno da pauta "guerra entre facções" apenas desvia o foco do problema do encarceramento no Brasil, que desde a década de 1990 aumentou em sete vezes, chegando atualmente a cerca de um milhão de pessoas sob a tutela penal, conforme dados do Conselho Nacional de Justiça. Na visão da organização religiosa a violência só poderá ser minimizada quando diminuir a exclusão e a desigualdade na sociedade, mas a estrutura do sistema prisional brasileiro produz cada vez mais morte, indignidade e violência.

Não pretendemos esmiuçar as inúmeras problemáticas envolvidas nesta questão complexa. Este breve relato foi para contextualizar aspectos do fenômeno que vamos expor, que é a estetização do massacre, por meio da produção de imagens por internos do Compaj e divulgadas, maciçamente nas redes sociais da internet, muitas vezes replicadas por veículos de comunicação tradicionais. Nesse sentido, aliamos a netnografia⁸, feita em sites e redes sociais, e a investigação bibliográfica, por meio de artigos e livros que tratam sobre construções de representações estéticas em atos violentos e na propulsão dessas atitudes dentro de um contexto cibercultural e ecossistêmico, explorando relações universais com a estetização e a espetacularização do grotesco.

2. Estéticas da violência

Para Adorno (1992) a acentuada proliferação da violência é reflexo de uma modernidade que não se desenvolveu harmonicamente, pois se estruturou com a consolidação do capitalismo. É sob a lei da funcionalidade, pela lógica da multiplicação de mercadorias, que vemos o mundo crescer com o movimento das máquinas e seus solavancos brutos. Desse modo, o autor faz uma analogia à deformação do comportamento humano, cada vez mais privado de liberdade e independência, já que o controle da máquina se estendeu ao controle do homem e do seu pensamento, considerando que o ambiente tecnicista influenciou na perda de consciência e do espírito crítico que são essenciais à liberdade. Entretanto, a violência marca o trajeto antropológico da humanidade. A partir dessa reflexão fazemos alguns

⁸ Aporte metodológico de pesquisa em comunicação, inspirado na etnografia da antropologia cultural, que analisa o comportamento e as dinâmicas de sites, sujeitos e grupos sociais na internet (AMARAL et al, 2008).

apontamentos e conexões entre a representação da violência no passado e na contemporaneidade.

A organização terrorista Estado Islâmico (EI), que tem uma interpretação radical da religião islâmica, consolidou sua propaganda ideológica por meio de uma linguagem visual extremamente cruel, principalmente ao divulgar vídeos de tortura e execução. Essas ações, cada vez mais elaboradas, reproduzem formatos e estruturas narrativas cinematográficas para divulgar atos de violência.

O pesquisador alemão Bernd Zywietz enfatiza que a comunicação do EI que é distribuída pela internet se baseia em modelos estéticos de filmes hollywoodianos e videogames, principalmente para atrair os jovens. Segundo Zywietz (2016) a estética visual é um apelo marcante para a disseminação da ideologia do grupo que se expressa numa propaganda cara, tecnicamente bem produzida e com simbologias voltadas para apelar às emoções.

Os vídeos são estruturados como filmes de ação, os slogans e a composição gráfica das propagandas trazem elementos da indústria do entretenimento e da cultura pop. Cenas de barbárie como crianças executando prisioneiros, pessoas sendo decapitadas, queimadas, afogadas, jogadas de prédios, fuziladas, são algumas das estratégias do EI para demonstrar seu poder. Além das execuções (verdadeiros shows de horror e tortura) que culminam na morte conjunta de seres humanos, há vídeos em que os líderes do grupo divulgam mensagens, textos, discursos extremistas e diversas outras ações que buscam enfatizar por argumentos religiosos que são vencedores e podem reescrever a história impondo seus valores (ZYWIETZ, 2016).

Com o avanço da internet a produção e divulgação de mensagens se torna cada vez mais fluida, o que pode ser eficaz tanto para o desenvolvimento cognitivo e sociocultural quando para a propagação do ódio, conforme estudos recentes. Nos campos da Comunicação e da Informação, Ferrari (2016) destaca que os avanços tecnológicos em decorrência da *web* (com suas múltiplas possibilidades de interação) transformaram o público consumidor em agente, sobretudo, na atuação pelas redes sociais da internet. Conforme a autora, esses novos fluxos provocam incessantemente rupturas nas formas de relações interpessoais e aceleram o crescimento e a multiplicidade de camadas de informação, num movimento em cascata, "como se a todo o instante estivéssemos descascando cebola" (FERRARI, 2016, p 34). Essa

angústia por velocidade e informação (principalmente audiovisual já que a internet é a TV da atualidade, pois tem a suplementação da interatividade, mobilidade e ubiquidade) gera desgaste, cansaço, desequilíbrio, mas também potencializa a diversificação de conexões mentais. Ao mesmo tempo em que evidencia posturas cada vez mais reacionárias também pode encontrar espaços para discussões aprofundadas, aponta Ferrari (2016).

O encontro da sociedade contemporânea e as novas tecnologias fez surgir a cibercultura. Nela as pessoas se tornaram produtores, criadores, autores de seus próprios conteúdos, o que permite maior troca de mensagem e interação. Ou seja, as transformações que ocorreram superaram a ideia de técnica, de política, de economia, de tempo e espaço. Trouxe mudanças de atitude e comportamento entre os diferentes atores sociais, e ainda novas formas de comunicação e relacionamentos.

Monteiro (2015) reproduz o pensamento de que os aparatos tecnológicos são extensões do nosso corpo e os celulares, notebooks, tablets amplificaram o poder do ser humano de criar conhecimento sobre si e sobre o mundo. Lévy (2014) reconhece as profundas mudanças ocorridas na sociedade nos tempos atuais e chama esse momento de “cibercultura”, que seria o novo espaço de interações propiciado pela realidade virtual, a partir dos avanços tecnológicos da informática.

Ainda não temos o distanciamento suficiente para compreender ou medir os impactos da uma sociedade cada vez mais voltada ao audiovisual na produção de sentidos, tamanha velocidade da transformação na relação dos hábitos e comportamentos dos sujeitos com os meios de comunicação e os sistemas econômicos. Para Ferrari (2016) os grupos em redes sociais, como o *whatsapp*, exemplificam a inter-relação homem, máquina, tecnologia e procedimentos, tendo cada um desses elementos uma missão estrutural para cumprir objetivos de interesse comum entre os que compartilham desta rede, o que espelha uma necessidade sociológica de agrupamento por similaridade, bem como a quebra de adesão quando laços se rompem. Por meio desse fluxo comunicacional, a disseminação de vozes e discursos ecoa em diferentes ritmos e intensidades.

Nesse sentido, quando trazemos a questão para o nosso foco de discussão, precisamos ter claro que a estetização da violência não começou com a internet, mas esse meio da comunicação midiática pode ter ajudado a pulverizar com mais velocidade e abrangência alguns traços que acompanham o trajeto antropológico da humanidade. Afinal, é possível ver

representações da violência desde cenas registradas em pinturas rupestres, passando por rituais de civilizações da antiguidade, do período medieval até os mirabolantes e cinematográficos atentados terroristas na sociedade contemporânea, como o fatídico 11 de setembro de 2001. Isso sem falar nas grandes guerras mundiais ou até mesmo na violência doméstica presente diariamente nos lares de todas as classes em todos os continentes.

Uma das histórias mais conhecidas no mundo, a de Jesus Cristo, difundida há mais de dois mil anos, é marcada profundamente pela estetização da violência, sobretudo, no processo do martírio, com signos marcantes como a coroa de espinhos, o açoite pelos soldados romanos, o linchamento popular, a brutalidade da crucificação. Na cultura asteca acreditava-se que os sacrifícios humanos mantinham o sol (seu deus supremo) vivo, quando os sacerdotes arrancavam o coração de pessoas vivas. Esses são apenas alguns exemplos que trazem também uma série de interesses como afirmação de poder (seja religioso, político e econômico) e que nos apontam para uma *mise-en-scène* construída a partir de fatores que regem determinada época.

A icônica fotografia de Lampião (líder do cangaço) e de seu bando, mortos (mutilados pela polícia), feita em 1938, é um registro chocante (e muito parecido ao que vemos atualmente em rebeliões carcerárias). A foto (Figura 1) mostra 11 cabeças decapitadas, dispostas entre quatro degraus da fachada de uma igreja. Ao lado de cada cabeça uma pequena placa com os nomes dos mortos e ao redor, compondo decorativamente o cenário, os chapéus dos cangaceiros, suas armas, peças de roupas e objetos pessoais. As cabeças, e a montagem desse quadro mórbido, percorreram cidades do sertão nordestino como uma forma de intimidação aos grupos contra hegemônicos (MELLO, 2011).

Figura 1: Reprodução Internet



Dentro dessa gama de possibilidades que a estética do medo apresenta (na relação com o mórbido e o grotesco), também pode fazer crescer a indiferença pela dimensão que há por traz da representação visual. O que de alguma forma (e provavelmente) sempre ocorreu, entretanto, o que muda são as referências e padrões de representação. No início do século XX, por exemplo, era comum a visita diária de centenas de pessoas ao necrotério de Paris para ver corpos de pessoas mortas como quem vai a um parque de diversões. Hoje em dia é possível baixar pela internet um variado cardápio da banalização da violência, desde games até a ficha de adesão para ingressar no terrorismo internacional.

Isso nos sinaliza que a estética da violência e do medo tem um grande poder de comunicação. Na TV, que ainda é um dos principais meios de comunicação, há algumas décadas até mesmo o jornalismo se rendeu às fórmulas de sucesso do apelo ao grotesco, com a veiculação de um turbilhão de imagens de violência física e moral, principalmente em programas policiais. O que muitas vezes pode ativar mecanismos psicológicos e influenciar condutas agressivas de comportamento (MATOS, 2005).

Antes da TV, situações violentas também eram exploradas por livros, jornais, revistas e pelo rádio, mas com a televisão houve a suplementação da imagem em movimento, do som e das transmissões ao vivo, trazendo a impressão do telespectador vivenciar os momentos registrados, como aponta Belloni (1998). A autora enfatiza que a banalização da estupidez no cotidiano midiático tem efeito de entretenimento e pode obscurecer a compreensão dos contextos de onde os fatos foram retirados, levando a uma série de interpretações fragmentadas e precipitadas.

A estética da violência pode colaborar para a inversão de valores éticos e para o amálgama entre ficção e realidade, sem estimular a reflexão, conscientização ou ajudar na construção da cidadania, além de perpetuar um imaginário dominado pelo princípio do medo. Essa concepção é traduzida para o audiovisual atendendo às exigências técnicas e mercadológicas das empresas de comunicação, salienta Belloni (1998), ao sugerir que, nesse sentido, reforça-se a construção de uma visão de mundo maniqueísta entre mocinhos e bandidos, cada qual querendo atingir seu momento de glória e autoafirmação. Um processo que vai construindo generalizações e legitimando meios violentos para conquistar sonhos e desejos materiais. Nesse sentido, muitas vezes há uma glamourização ou exacerbação pela aventura da ação criminosas.

Belloni (1998), ao refletir sobre o artigo *Psicanálise da criminalidade brasileira: ricos e pobres*, de Hélio Pellegrino, nos situa sobre outros panoramas. Expõe a ideia do pacto edípico, da teoria freudiana, que ocorre quando a criança reprime sua agressividade contra o pai para assegurar sua proteção e afeto. Esse processo, chamado de *Lei da Cultura*, é uma espécie de acordo psicossocial pelo qual os sujeitos tornam-se membros de uma sociedade e aceitam suas imposições desde que tenham benefícios, como segurança, trabalho, lazer, etc. Porém, quando a sociedade é incapaz de proporcionar tais compromissos, ocorre uma ruptura, podendo levar ao desespero e à revolta, em vez de cimentar a adesão social.

Esse princípio pode ser associado às práticas criminosas e à violência, que se manifestam desde as camadas mais pobres até as elites, com os crimes de colarinho branco, provocando uma descrença generalizada na política, na justiça e no Estado. No campo social essa instabilidade gera comportamentos antissociais e de rebeldia, principalmente quando os modelos de representação revelam-se como uma falácia. (BELLONI, 1998).

No mundo inteiro, denúncias e escândalos de corrupção envolvendo governos são divulgados diariamente, assim como as ações das facções criminosas. Entretanto, mesmo pelos trâmites legais, há determinados grupos que são privilegiados em comparação a outros, o que acentua ainda mais os níveis de insatisfação com a deterioração da ideia de direitos igualitários.

Quando observamos essa temática por uma perspectiva ecossistêmica, ou seja, considerando inter-relações e interdependências na articulação entre fatores históricos, socioculturais, ambientais e tecnológicos, percebemos que há uma rede perversa com nós de

intersecção. O Estado já não consegue mais convencer ética e moralmente a população, as elites econômicas sentem suas estruturas abaladas na manutenção do sistema de dominação, atos de barbárie desordenam a lógica de direitos humanos conquistados, intelectuais tecem teorias do topo dos seus castelos de sabedoria, crises sociais e existenciais emergem e difundem-se pelas redes sociais da internet. Assim, na espetacularização da barbárie, “vilões e heróis” se misturam dentro de uma realidade caleidoscópica, onde o simulacro estético amortiza a sensibilidade em relação ao sofrimento, ao trágico, à dor e à miséria, na inversão da civilidade e da justiça cidadã.

3. Compaj na Rede

Bem antes da rebelião do Compaj ser controlada, começaram a circular imagens feitas de dentro do presídio por celulares de internos e postadas nas redes sociais da internet. Tais postagens se disseminaram rapidamente mostrando a gravidade do conflito, a barbaridade das circunstâncias e as inúmeras falhas do sistema prisional. A chacina também foi gravada pelo circuito de câmeras instalado no complexo.

Conforme o jornal O Globo⁹, em reportagem publicada no dia 05 de janeiro de 2017, as câmeras internas do Compaj registraram toda a ação do massacre, sendo que a maioria dos presos que comandaram a rebelião e praticaram as torturas e os assassinatos não se preocuparam em esconder o rosto. A reportagem menciona ainda que os investigadores do caso acreditam que, pelo fato dos equipamentos de monitoramento não terem sido destruídos na revolta, a intenção dos detentos era que a matança fosse assistida pelas autoridades e pela sociedade.

Entretanto, o que mais chama a atenção são as imagens divulgadas pelos presos em redes sociais da internet. Uma das primeiras imagens (Figura 2) que começou a circular é um vídeo que mostra os líderes da rebelião empunhando facões, escopetas e uma pistola.

Figura 2: Reprodução Internet

⁹Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/cameras-da-prisao-registraram-chacina-em-manaus-20730366>> Acesso em 19 jan. 2017.



A partir das discussões nos itens anteriores, ao lermos a imagem (Figura 2), podemos sugerir que ela pretende passar a ideia de tomada do poder, numa autoafirmação da “justiça” em honra da ética de conduta da facção FDN, sobrepondo-se ao PCC. Quebram-se valores hegemônicos (da sociedade e do Governo, que não lhes deram afeto¹⁰ e segurança) revelando a “comunidade” e o “novo governo” do cárcere. Mostram com orgulho o armamento que circula na unidade prisional, fazendo questão de enfatizar que não estão apartados das possibilidades de comunicação, afinal, nas conexões em rede podem articular estratégias criminosas, praticá-las e divulgá-las. O que desmoraliza toda a estrutura e a eficiência dos órgãos de Segurança Pública. Representa a vitória do crime perante a decadência do encarceramento social, evidenciando seus tentáculos muito poderosos, e encontram nas fragilidades do sistema diversas maneiras de se fortalecer e continuar suas ações.

Em outro vídeo¹¹ um presidiário circula por um dos pavilhões do Compaj mostrando o resultado da rebelião. Um “web documentário” mórbido que revela o cenário de corpos mutilados em corredores banhados de sangue, passeando por entre cabeças decepadas, pernas e braços amontoados pelos cantos. Numa outra postagem¹² um dos integrantes da FDN apresenta como troféus as cabeças dos principais integrantes do PCC que estavam no Compaj, falando o nome de cada um deles com o entusiasmo pelo feito e a indiferença pela morte.

¹⁰ Neste artigo a palavra “afeto” é utilizada de acordo com os estudos de Raquel Paiva no livro ‘O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo’.

¹¹Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p6fonnFZKOg&oref=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3Dp6fonnFZKOg&has_verified=1> Acesso em 19 jan. 2017.

¹²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KPntTcHcLx0&oref=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3DKPntTcHcLx0&has_verified=1> Acesso em 19 jan. 2017.

O site da Revista Veja¹³, em 02 de janeiro de 2017, publicou a manchete “No Amazonas, criminoso em fuga posta foto em rede social” (Figura 3). A notícia é sobre um dos detentos que conseguiram fugir durante a rebelião. Ele aparece em uma *selfie* ao lado de outro fugitivo, no meio da mata fazendo pose com o gesto de “joinha” e na legenda: “Na fulga (sic) da cadeia”. A reportagem veiculada por Veja.com apurou que o presidiário mantinha seu perfil com postagens constantes e na semana anterior à rebelião já havia manifestado que a FDN planejava algo e também chegou a postar a seguinte frase: "Se toda a alegria é passageira, nenhum massacre será eterno. Liberdade".

Figura 3: Reprodução Internet



Outros vídeos e fotos, extremamente chocantes, postados durante o massacre do Compaj viralizaram entre as redes sociais e também ilustraram as pautas de jornais, revistas, sites, e programas de televisão. Entretanto, esse não é um caso isolado. Em outras rebeliões, especialmente as ocorridas em 2017, como em Roraima e no Rio Grande do Norte, a estratégia de usar as redes sociais para “reportar-ao-vivo”¹⁴ os massacres tornou-se corriqueira entre detentos, numa espécie de espetacularização do cotidiano e da violência.

Aliás, a disseminação de imagens feitas por presidiários não se restringe às rebeliões. Basta uma rápida busca no *you tube* que é possível localizar centenas de vídeos que mostram o interior das unidades prisionais e situações do cotidiano nesses locais, pela ótica dos

¹³Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/no-amazonas-criminoso-em-fuga-posta-foto-em-rede-social/>> Acesso em 19 jan. 2017.

¹⁴ Autores como Antônio Fausto Neto e Eliseo Verón discutem desde a virada do século XXI essa mediatização da sociedade, ou seja, essa aprendizagem (registro, edição, sonorização, performance) nos modos de produzir textos mediáticos.

presidiários. E assim, diariamente chega ao alcance da sociedade uma pequena mostra das condições insalubres em que se encontra a população carcerária, relatos que vão desde a exposição de violência e discursos de ódio até pedidos de socorro, reivindicações por melhorias no atendimento à saúde, alimentação e condições de higiene e limpeza. Independente de circunstâncias, o que se percebe claramente nessa estética da violência, contextualizada a partir de um panorama extremamente complexo, é que as unidades prisionais brasileiras potencializam a opressão, as revoltas e a falta de civilidade. Esse é um sinal muito forte para pensarmos não só na crise do sistema penitenciário brasileiro, mas na crise da sociedade contemporânea global.

A reportagem da BBC Brasil¹⁵ foi a primeira equipe de jornalismo a entrar no interior do Compaj, uma semana após a rebelião. Acompanhando uma comitiva formada por políticos e representantes de ONGs, a reportagem conseguiu passar pela segurança, com um aparelho celular, sem ser revistada, constatando que o sinal e a velocidade da conexão à internet “estavam ótimos”, como enfatiza a publicação.

Conforme Ferrari (2016, p. 183) o leitor da sociedade contemporânea está nas telas e a visualidade é o mundo que está conectado nas redes sociais, consumindo e gerando conteúdo, pois "o que temos para hoje é o planeta *facebook*; gostando ou não da rede social, o mundo conectado está ali, consumindo e gerando conteúdo. A gente virou mais superficial, vão questionar alguns! A gente gosta mais de assistir vídeos do que ler".

A internet possibilitou uma confluência de ideias e descobertas através, principalmente, das redes sociais, as pessoas de hoje procuram qualquer motivo para expor e socializar suas vidas. Com os detentos, a autoafirmação e o desejo de mostrar superioridade, através da violência, foi a razão para a divulgação dos vídeos nas redes da internet. A ação vai ao encontro do pensamento de Castells (2009) que acredita que digitalização e convergência tecnológica são responsáveis por consequências revolucionárias ou transformações sociais imprevisíveis. Para Baitello Júnior (2005) vivemos sob imposições da internet, potencializadas pela mídia, o que exige a necessidade cada vez maior de produzir e replicar imagens, sem necessariamente refletir sobre seus desdobramentos, gerando um desequilíbrio sensorio-cognitivo. Conforme o autor, simultaneamente devoramos e somos devorados pelo turbilhão de imagens a que somos expostos diariamente e essa mudança provocou uma “crise

¹⁵ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2017/01/11/mais-de-uma-semana-apos-chacinas-presidios-tem-marca-de-tiro-e-internos-bebendo-agua-de-privada.htm>> Acesso em 19 jan. 2017.

da visibilidade”, em função de uma realidade ilustrada por imagens e mediada por aparatos tecnológicos especialmente, pela sua multiplicação exagerada. O mesmo mecanismo cultural que pode promover a diversidade também é perverso, quando tende a transformar o complexo e profundo em superficial, transladando as vivências das experiências humanas e das relações de afetividade para representações construídas por imagens.

4. Comunicação Complexa no Ciberespaço

Logo, podemos compreender que na contemporaneidade a imagem, o som, as emoções, as sensações, o pensamento estão “corporificados” no espaço hipermediático, transitando num emaranhado de circuitos relacionais e interdependentes. Nesse sentido, as manifestações que configuram uma “estética da violência” expressadas em diferentes situações (mas com grande tendência à supremacia audiovisual devido à internet), paradoxalmente, ganham uma dimensão cada vez mais complexa no contra fluxo de sua efemeridade, sobretudo, pelo poder da imagem na produção de sentidos e na desconstrução dos mesmos.

Presos possuindo acesso às redes sociais é fato proibido pelo código penal brasileiro, e não é difícil encontrar reportagens que mostrem uma realidade na qual preso consegue se comunicar através de celulares, exibindo a fragilidade na aplicação das leis dentro dos presídios brasileiros. No âmbito comunicacional, as pessoas querem e vivem nas redes sociais, postam diariamente. E essa realidade dentro dos presídios, como seria? Infelizmente, não sabemos, mas a partir dos vídeos divulgados, durante a chacina, sabemos que é prática comum usarem celulares conectados à internet.

O fenômeno se faz a partir do entendimento que a comunicação é algo complexo, em relação à integração dos participantes do processo comunicacional. Contrariando os meios de comunicação tradicionais, as redes sociais na internet promovem um fluxo multidirecional de mensagens que se entrelaçam no ciberespaço e acabam encontrando na mídia tradicional uma espetacularização que encobre os reais problemas do sistema penitenciário brasileiro.

Assim, não só os conteúdos que produzimos ou divulgamos, mas nossas relações interpessoais tendem a se aproximar cada vez mais de narrativas espetaculosas, fragmentadas e sensacionalistas, que apelam às emoções, para reforçar laços afetivos entre comunidades

voláteis ou acentuar dicotomias sociais; o intuito foi sinalizar como fatos ocorridos no cotidiano interferem de maneira complexa na comunicação da sociedade, entrelaçada por uma dinâmica violenta e midiática. Não importando se estamos dentro ou fora das grades, já que pelas redes online (quase) não há barreiras.

Referências

ADORNO, T. **Minima Moralia** – Reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1992.

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. In: Revista Sessões do Imaginário, PUC-RS, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.34-40, dez. 2008.

BAITELLO JUNIOR, N. **A Era da Iconofagia**: Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BELLONI, M. L. **Estética da Violência**. In: Comunicação & Educação - Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP, São Paulo, n. 12, 1998. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36357/39077>>. Acesso em 18 jan. 2017.

CARTA CAPITAL. **Carnificina em presídios deixou mais de 130 mortos neste ano**. São Paulo: Confiança, 2017. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/carnificina-em-presidios-deixou-mais-de-130-mortos-neste-ano>>. Acesso em 15 jan. 2017.

CAPRA, F. **A Teia da Vida**. Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2016.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

ÉPOCA. **O crime está em guerra**: as maiores facções brasileiras romperam - As rebeliões em presídios são um aviso. A selvageria está à solta. G1: Organizações Globo, 2017. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/noticia/2016/10/o-crime-esta-em-guerra-maiores-faccoes-brasileiras-romperam.html>>. Acesso em 17 jan. 2017.

FERRARI, P. **Comunicação digital na era da participação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

FOLHA DE S.PAULO. **Temer fala em crise nacional e anuncia Forças Armadas dentro de presídios**. São Paulo: Grupo Folha, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/01/1850566-temer-fala-em-crise-nacional-e-anuncia-forcas-armadas-dentro-de-presidios.shtml>>. Acesso em 17 jan. 2017.

JORNAL NACIONAL. **Crise nas cadeias leva secretários de Segurança a se reunirem em Brasília.** G1: Organizações Globo, 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/crise-nas-cadeias-leva-secretarios-de-seguranca-se-reunirem-em-brasil.html>>. Acesso em 17 jan. 2017.

LEVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 2014.

MATOS, A. M. **Televisão e violência:** (para) novas formas de olhar. In: Comunicar- Revista científica ibero-americana de comunicação e educação, Espanha, v.2 n. 25, 2005.

MELLO, F. P. **Guerreiros de Sol -** Violência e Banditismo no Nordeste do Brasil. São Paulo: Girafa, 2011.

MÍDIA NINJA. **Cadê os direitos humanos?** Rede de narrativas independentes, jornalismo e ação: Oximity, 2017. Disponível em: <<https://ninja.oximity.com/article/Cad%C3%AA-os-direitos-humanos-Entrevi-1>>. Acesso em 16 jan. 2017.

MONTEIRO, G. **Ecosistemas Comunicacionais:** Os dispositivos móveis como extensão do corpo humano. In: Jornalismo para dispositivos móveis: Produção, distribuição e consumo. Covilhã, Portugal: LabCom, 2015. p. 43-60. Disponível em: <<http://bit.ly/1U6LE9H>> Acesso em: 23 de março de 2017.

_____. **Mídias digitais e as tecnologias de sobrevivência.** Revista de Comunicação da FAPCOM, São Paulo, v.1 n1, p. 110-120, 1ºsem. 2017.

PAIVA, R. **O espírito comum:** comunidade, mídia e globalismo. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PASTORAL CARCERÁRIA. **Massacres:** Não é crise, é projeto. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), 2017. Disponível em: <http://carceraria.org.br/wp-content/uploads/2017/01/Nota_Massacres-.pdf>. Acesso em 19 jan. 2017.

UOL. **Rebelião em presídio termina com ao menos 56 mortos em Manaus, diz governo.** Universo Online, 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/01/02/rebeliao-no-amazonas-termina-com-ao-menos-50-mortos-diz-governo.htm>>. Acesso em 15 jan. 2017.

ZYWIETZ, B. **Terrorismo, propaganda & mídia.** Universidade de Mainz, 2016. Disponível em: <http://www.bzyw.de/?page_id=59>. Acesso em 18 jan. 2017.